



Promover a mudança orientada da educação de adultos

Diretrizes do FutureLabAE para educadores e provedores de educação de adultos

Conteúdo

1. Prefácio	3
2. O propósito deste guia	5
3. O que é a educação de adultos orientada para a mudança?	5
4. Papel dos aprendentes e educadores na conceção e implementação da educação de adultos orientada para a mudança	8
Quem pode beneficiar com a educação de adultos orientada para a mudança?	8
Como pode um curso ser orientado para a mudança?	8
Quem decide o que deve ser mudado: o educador, o aprendente, ambos ou outra pessoa?	8
Como promover cursos orientados para a mudança para potenciais participantes?	11
Como promover o tipo certo de dinâmica de grupo para a orientação para a mudança?	12
Qual é o tipo e tamanho da mudança de que estamos a falar?	14
A orientação para a mudança deve ter uma “agenda oculta” ou um objetivo transparente?	14
Que tipo de novas competências são necessárias para organizar cursos orientados para a mudança?	15
Existem questões éticas que devem ser resolvidas?	16
5. Promotores de educação de adultos e decisores políticos como facilitadores de educação orientada para a mudança	17
O que é que os promotores de educação de adultos devem fazer para promover a educação orientada para a mudança?	17
Que tipo de organização podem oferecer educação de adultos orientada para a mudança?	20
Que “novo” pensamento precisam ter as organizações e os educadores para promover a educação orientada para a mudança?	21
O que devem os decisores políticos fazer para promover a educação de adultos orientada para a mudança?	22
6. Como podemos promover a educação para a democracia?	23
7. Como podemos promover uma perspetiva crítica sobre a digitalização?	26
Referências e leituras adicionais	28
Apêndice 1: O projeto FutureLabAE	29
Apêndice 2: Lista de caixas teóricas	30
Apêndice 3: Lista de caixas de informação	31

Texto: Thomas Fritz e Gerhild Ganglbauer, VHS Wien
Editor: FuturelabAE Erasmus + project consortium, August 2021
Tradução: EPATV- Escola Profissional Amar Terra Verde
Layout: EAEA

O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um endosso do conteúdo que reflete apenas as opiniões dos autores e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações aqui contidas.



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

1. Prefácio

O objetivo deste guia é apoiar educadores de adultos, atores comunitários, ativistas cívicos e promotores de educação de adultos e associações que trabalham no campo do desenvolvimento individual, social, comunitário e social na projeção e implementação da educação de adultos orientada para a mudança. O projeto FutureLabAE, que elaborou a estrutura deste guia, teve na sua base a ideia de que a educação de adultos precisa de ser pró-ativa e não compensatória e, portanto, não reativa a mudanças na sociedade. Num dos webinars organizados ao longo do projeto, o Prof. Licínio Lima afirmou: “A educação de adultos tem que se tornar mais perigosa; sinto que, se a educação de adultos é tão ingénuo, tão gentil, tão obediente, tão passiva, tão bem-comportada, nós não precisamos disso. Isto é, precisamos de sal e pimenta na educação de adultos.”

De acordo com o consórcio do projeto, a educação de adultos deve desempenhar um papel ativo no apoio e na iniciação de processos de mudança social para uma sociedade mais justa. Isto pode ser visto no contexto das atuais megatendências de mudanças climáticas e pelo fosso cada vez maior entre ricos e pobres e o crescimento do racismo. Dois dos principais desafios identificados pelos parceiros do projeto e que a nossa sociedade enfrenta são a digitalização, presente quer no acesso aos serviços governamentais, quer na crescente disseminação de notícias falsas e de teorias da conspiração (especialmente em tempos de pandemia), e o declínio mundial da democracia.

Este guia tem como objetivo fornecer informações, experiência e exemplos muito concretos de educação de adultos orientada para a mudança. A base teórica pode ser encontrada no estudo realizado pela Universidade do Leste da Finlândia (University of Eastern Finland) em conjunto com a Federação Suíça para a Aprendizagem de Adultos (Swiss Federation for Adult Learning) ([Manninen, Jetsu & Sgier 2019](#)). A base da educação de adultos orientada para a mudança está nos campos da pedagogia crítica (por exemplo, o trabalho de Paulo Freire) e da educação antirracista (Hooks, Spivak).

Um dos grandes debates dentro do consórcio do projeto foi até que ponto a educação regular de adultos, que é principalmente oferecer educação visando mudanças menores, predominantemente a um nível individual, por um lado, ou posturas mais radicais que visam a mudança na sociedade e ênfase nas comunidades por outro, deve ser o pilar do trabalho do projeto.

O diálogo em pé de igualdade parece ser um dos princípios orientadores da educação de adultos orientada para a mudança. Segundo o teórico brasileiro Paulo Freire, o diálogo também é um dos princípios básicos da educação crítica. Esta é a razão pela qual este guia é estruturado por questões reais que os educadores colocaram sobre a educação de adultos orientada para a mudança. Desta forma, tentamos responder às perguntas que nos foram feitas. Os contributos para estas “respostas” foram retirados dos dois cursos online que foram organizados no âmbito do projeto, sendo que algumas foram motivo de reflexão do consórcio de forma a complementar a perspetiva de análise.

Thomas Fritz e Gerhild Ganglbauer
Lernraum.wien / VHS Wien



Uma nota dos autores

Usamos o termo educador para aqueles que medeiam o processo educacional orientado para a mudança, visto que consideramos a designação de professor muito restrita às escolas, embora Freire continue a usar esse termo. Abstemo-nos de usar o termo de facilitador, pois oculta o papel do educador. O papel do educador deve ser o de um guia ativo para o diálogo e um provedor de ideias e perguntas. O termo facilitador também reduz o educador àquele que apoia os aprendentes/atores na abordagem de problemas que devem ser resolvidos.

Usamos o termo aprendente/ator para enfatizar o facto de que os aprendentes na educação de adultos orientada para a mudança são participantes ativos no processo de mudança, mas, ao mesmo tempo, são aprendentes no sentido de que a ação refletida é uma oportunidade de aprendizagem. Aprender aqui não significa a transferência de conhecimento de um educador para um aprendente.

2. O propósito deste guia

Este guia tem como objetivo fornecer informações práticas sobre a educação de adultos orientada para a mudança. O guia é estruturado por perguntas de educadores de adultos e educadores sobre a educação de adultos orientada para a mudança para torná-lo mais legível e de fácil utilização, mas também por ideias teóricas.

As respostas às perguntas são, no entanto, sempre bastante gerais e devem ser consideradas como inspiradoras. Não procuramos apresentar receitas: não há receitas para a educação de adultos orientada para a mudança, é sempre uma questão de tomar os desejos e as necessidades dos aprendentes/atores como ponto de partida para a ação. Ao longo deste guia, podem encontrar mais informações sobre os conceitos teóricos que usamos, no que designamos de caixas de teoria. Informações sobre projetos concretos de educação de adultos orientados para a mudança podem ser encontradas nas designadas caixas de prática.

3. O que é a educação orientada para a mudança?

A caixa teórica 1 descreve como a educação de adultos orientada para a mudança é definida no projeto FuturelabAE.

Caixa teórica 1: Definição de educação de adultos orientada para a mudança

“A educação de adultos orientada para a mudança engloba uma abordagem, filosofia e um conjunto de métodos de ensino e aprendizagem que procuram criar mudanças individuais e/ou sociais. Os aprendentes também podem ir além da transformação individual para um empoderamento coletivo com base na consciência crítica, em novas formas de pensar e numa participação ativa.

Este modelo facilita um processo de realização consciente para os aprendentes à medida que trabalham juntos agindo, incluindo aqui atos potenciais de resistência, procurando alcançar um mundo mais democrático, igualitário e ético.”

(Manninen, Jetsu & Sgier 2019:5)

Portanto, a educação de adultos orientada para a mudança nunca é compensatória, ou seja, não fornece apenas competências aos aprendentes para que possam responder melhor no emprego ou na sociedade. Um exemplo que queremos usar aqui para deixar clara essa distinção são os programas de competências básicas. Se estes visam dotar os aprendentes de competências de leitura, escrita, numeracia e tecnologias da informação e comunicação, a fim de serem “empregáveis”, ou seja, ajustados para o mercado de trabalho, definiríamos esses programas como não sendo (de todo) orientados para a mudança. No entanto, quando esses programas visam o empoderamento e a participação, eles são orientados para a mudança, mesmo que apenas a um nível individual.

Uma das nossas principais premissas é que: a educação (de adultos) nunca é neutra; pode sempre ser vista como uma postura na sociedade, seja como uma posição de manutenção e conservação, ou seja, apoiando as estruturas existentes na sociedade, formando os aprendentes para "se encaixarem" e aceitarem, ou como visando reformar o sistema com o objetivo de mais justiça e participação. Mas a educação de adultos também pode ter como objetivo desempenhar um papel na transformação estrutural da sociedade com a intenção de mudanças radicais na configuração dessa sociedade e para superar a injustiça estrutural, diferenças de classe, discriminação racial ou exploração de certos grupos dentro da estrutura social. (Manninen, Jetsu & Sgier 2019: 5).

Caixa de teoria 2: citações sobre a educação de adultos orientada para a mudança

Jyri Manninen: “Este tipo de cursos orientados para a mudança também precisam e devem usar métodos de ensino muito diferentes e uma das palavras-chave é o diálogo [...], o que também leva à reflexão crítica em muitos casos. E o objetivo é para ajudar as pessoas a tomarem consciência das atitudes, das crenças, dos valores, das formas de comportamento e das chamadas perspectivas num sentido amplo.”

Webinar FuturelabAE: What is change-oriented adult education?

Licínio Lima: “A mudança não é uma coisa boa ou má em si mesma. Depende dos valores, dos objetivos, dos interesses. E é isso que realmente temos que discutir (...) a mudança não pode ser neutra.”

Webinar FuturelabAE: How can change-oriented adult education help face the challenges of democracy?

Para incluir um desígnio orientado para a mudança para grupos regulares de educação liberal, educadores e promotores de educação precisam seguir os princípios críticos da pedagogia. Por exemplo, segundo Freire, o papel do educador é fundamental na educação crítica. Os educadores devem refletir permanentemente sobre o seu papel no processo educacional e são responsáveis por inspirar a curiosidade crítica dos adultos. Ainda, a educação de adultos orientada para a mudança dificilmente pode ser encontrada na educação regular e oficial de adultos. Como explica o teórico Kirchaesser (2019), trata-se de uma “renovação pelas margens”.

Caixa de teoria 3: citações de Paulo Freire sobre a não neutralidade da educação

“A educação nunca foi e nunca será neutra”

“Não posso estar no mundo descontextualizado, simplesmente observando a vida.”

“Lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa estar do lado dos poderosos, não ser neutro.”

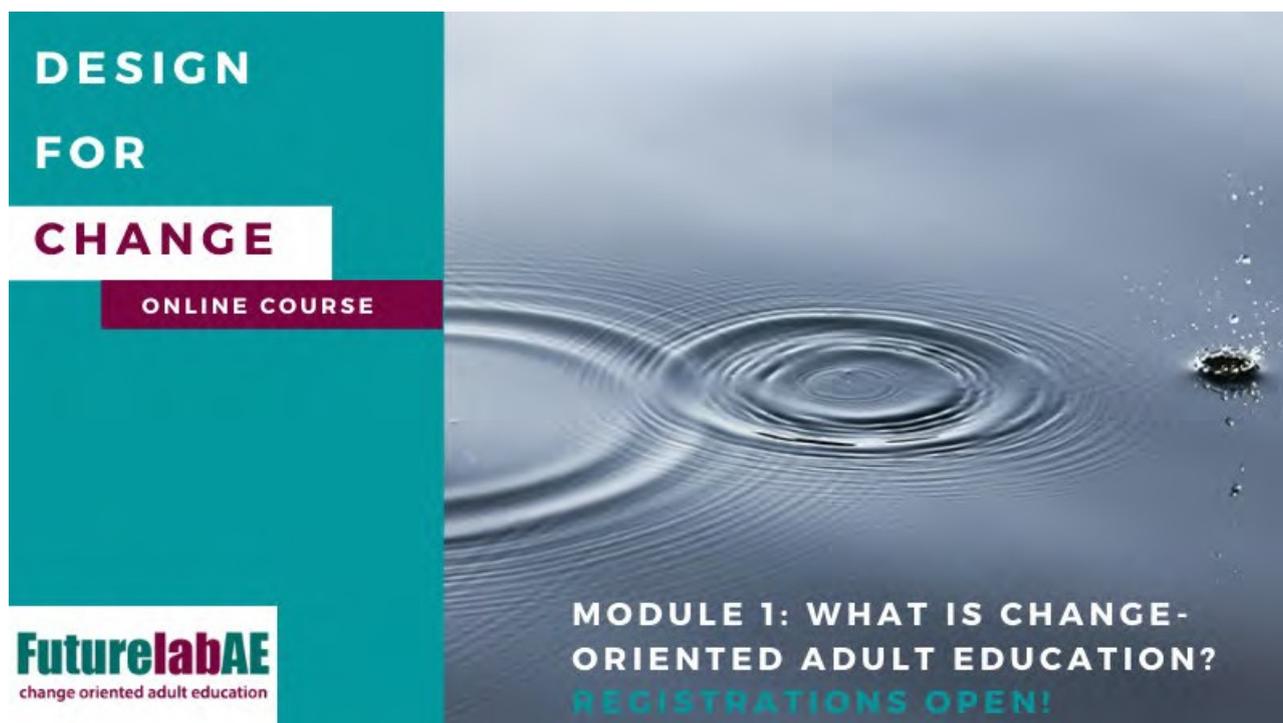
(Paulo Freire, *The Politics of Education*, 1985)

Caixa de teoria 4: A ideia do Ubuntu nepantla

É da obra [de Anzaldúa] que extraímos o termo nepantla, palavra Nahuatl que significa *tierra entre medio* (um espaço intermediário instável, imprevisível e precário) (Anzaldúa, 2002: 1). (Pennycook e Makoni 2020: 107).

Um dos webinars foi dedicado ao conceito de Ubuntu (existimos apenas porque outros existem) - mas com uma conotação mais religiosa do que sócio crítica.

[Webinar FuturelabAE: "Insights on change oriented-education and democracy"](#)



O projeto FutureLabAE organizou dois cursos online sobre educação de adultos orientada para a mudança. Um deles – Design for Change- procurou focar-se na problemática dos desafios causados pela digitalização na sociedade atual.

4. Papel dos aprendentes e educadores na conceção e implementação da educação de adultos orientada para a mudança

Quem pode beneficiar com a educação de adultos orientada para a mudança?

Os aprendentes/ atores decidem - às vezes com a ajuda de um educador - como deve ser o processo orientado para a mudança.

Todos os aprendentes são potenciais destinatários da educação de adultos orientada para a mudança. Por exemplo, um aprendente de meia-idade financeiramente bem-sucedido pode seguir um modo de vida destrutivo, consumindo excessivamente os recursos naturais e, portanto, contribuir para problemas ecológicos, sociais locais e globais, e poderia beneficiar de um curso de consciencialização. Algumas outras pessoas podem ter problemas com a alfabetização mediática e partilhar notícias falsas nas redes sociais. No entanto, a educação de adultos orientada para a mudança é predominantemente usada com grupos que vivem em circunstâncias problemáticas, ou seja, comunidades marginalizadas.

As razões para a sua discriminação podem ser múltiplas: género, orientação sexual, baixos rendimentos, sem-abrigo, raça, desemprego ou baixa escolaridade, idade, baixo status social ou más condições de vida. Estas pessoas são confrontadas, ao longo da sua existência, com inúmeros desafios.

Caixa de teoria 5: Crítica [pedagogia]

A pedagogia crítica baseia-se na exploração de identidades “fronteiriças” pessoais, sociopolíticas, económicas e intelectuais. Ela dita a sua política de localização onde os adultos são posicionados para operar como “atravessadores de fronteiras” [...]. Também está baseada no imperativo ético de examinar as contradições na sociedade entre os significados de liberdade, as demandas de justiça social, o dever de cidadania e os silêncios estruturais que permeiam as incidências dos sistemas.

(Bishop, 2014: 52)

Os aprendentes/atores também podem ser grupos que desejam uma mudança para melhorar a sua própria situação ou a de outras pessoas, para obter acesso a espaços públicos e infraestruturas sociais.

Como pode um curso ser orientado para a mudança?

A educação de adultos orientada para a mudança está - na nossa opinião - fortemente ligada à pedagogia crítica e aos seus princípios, tanto no nível de “ensino e aprendizagem” quanto da organização. Para destacar esses princípios, devemos identificar os cinco pilares da pedagogia crítica formulados por Brandt no livro dedicado à educação popular sob os Sandinistas (1991, citado in McLaren e Farahmandpur 2005: 9). A autora afirma que a pedagogia crítica deve ser um processo coletivo, crítico, sistemático, participativo e criativo. Poderíamos querer acrescentar que o conjunto desses processos implica uma orientação para o diálogo. Se um curso seguir todos esses princípios, podemos falar de orientação para a mudança.

Quem decide o que deve ser mudado: o educador, o aprendente, ambos ou outra pessoa?

Existem três maneiras de tomar uma decisão sobre o que deve ser mudado.

Em primeiro lugar, a necessidade de mudança surge nos aprendentes/atores. Eles veem-se presos numa situação injusta, discriminatória contra alguns grupos da sociedade ou excludente de certos grupos.

A segunda opção seria um processo de tomada de decisão conjunta, num diálogo participativo com outros, moderado por um educador de adultos, se necessário, que envolvesse tanto o tema da mudança quanto o local onde o programa acontecerá. Consideramos a escolha do local essencial

também em termos de familiaridade com o meio ambiente e o facto de que as “escolas” tradicionais - isso também significa edifícios de educação de adultos – podem, às vezes, ser opressoras e podem transmitir a atmosfera de aprendizagem tradicional.

A terceira forma pode ser os próprios educadores a apresentar um problema ao grupo e a convidar os aprendentes a fazer perguntas sobre o porquê e como esse problema se desenvolveu e como poderia ser resolvido. A última opção parece ser a menos satisfatória no contexto da educação de adultos orientada para a mudança. Reconhecemos, porém, que o papel dos educadores é vital num processo de educação orientada para a mudança. O seu papel é apoiar os aprendentes/atores no processo de resolução de problemas e procura de soluções. O seu papel é colocar questões críticas e questionar situações problemáticas. Consideramos parte integrante da educação de adultos orientada para a mudança a definição dos problemas pelos aprendentes/atores e não por pessoas externas ao processo, pois este correria o risco de se tornar paternalista e contradiria a afirmação de Carlos Ribeiro do “para” e do “com”, ou seja, a postura subjacente aos educadores.

Referindo-se à segunda opção, Carlos Ribeiro defende uma mudança de postura da educação que se pode resumir na passagem do “princípio bancário” da educação – assim designado por Freire - para um processo colaborativo - fazer *com* e não *para*:

“É a nossa visão do mundo que precisamos mutualizar na nossa atuação profissional. [...]. Precisamos de ser cidadãos para contribuirmos para o desenvolvimento local e global. E, para isso, a nossa palavra-chave ou abordagem-chave em termos de metodologia é fazer com e não fazer para.”

Carlos Ribeiro in Webinar FuturelabAE
“Where change-oriented adult education could take place?”

Isso também implica que a aprendizagem é um processo muito aberto, sem objetivos e resultados predefinidos. É o processo e a forma de atingir os objetivos que são importantes. Isso também implica que o quê e o como da ação sejam centrais. O processo colaborativo inclui o contexto onde os aprendentes/atores estão e pode incluir mudanças no ambiente local, como, por exemplo, no "desenvolvimento da comunidade" (ver caixa de informações 1: Zrejme).

Caixa de informações 1: Zrejme

Zrejme contribui para a cooperação e o diálogo intergeracionais, integração dos idosos na família, comunidade e sociedade. Uma das atividades foi o protesto cívico contra a perda de espaço público para pessoas (mais velhas e mais jovens). Diferentes atividades que aproximam as gerações foram desenvolvidas.

O tema envelhecimento, independentemente do sexo ou da cor da pele, diz respeito a todos nós.

<https://zrejme.sk/>

Como promover cursos orientados para a mudança para potenciais participantes?

A educação de adultos orientada para a mudança não é um processo educacional que pode ser anunciado num catálogo e que os aprendentes assinam. A educação de adultos orientada para a mudança é baseada no diálogo e na participação, ou seja, visa resolver problemas já existentes que são relevantes para os grupos de aprendentes/atores. O principal princípio subjacente aqui parece ser a coautoria e, portanto, a propriedade dos programas. Isso envolve uma análise crítica conjunta do problema, e uma base dialógica-participativa na identificação de possíveis soluções.

O papel do educador é orientar e apoiar o processo e, acima de tudo, ser aberto e curioso, inculcando a já mencionada curiosidade crítica nos aprendentes/atores, sendo que é obrigatório que os próprios educadores a demonstrem. A educação de adultos orientada para a mudança não tem metas claramente definidas e mensuráveis, impostas de fora; em vez disso, as metas são frequentemente geradas no interior dos grupos. Os educadores demonstram o seu profissionalismo por serem didaticamente competentes no desenvolvimento e na orientação de processos, a sua consistência na execução do trabalho e, principalmente, por serem politicamente claros e transparentes durante o processo (ver Chambers 2019: 7).

Caixa de informações 2: Alguns métodos orientados para a mudança

Time out é um método que facilita uma forma construtiva de discussão e debate.

Fish Bowl é uma versão mais dialógica e democrática de um painel de discussão, que tenta diminuir a distância entre os chamados especialistas e o público.

World Café é um método para grupos maiores. Existem várias tabelas que tratam de diferentes questões. Cada mesa tem um anfitrião que é responsável por moderar e documentar os debates. Depois de uma discussão inicial, as pessoas vão até a próxima mesa e continuam as suas discussões. A documentação resume todos os debates.

Outra tarefa muito importante para os educadores é a da reflexão crítica (permanente), principalmente sobre a questão de nunca serem neutros, mas, ao mesmo tempo, nunca deixarem transparecer os seus objetivos e atitudes.

Como promover o tipo certo de dinâmica de grupo para a orientação para a mudança?

Gostaríamos de começar a resposta a esta pergunta com duas citações de Jyri Manninen, que resumem o papel do educador:

“A educação de adultos é uma forma de intervenção na vida das pessoas, nas organizações e na sociedade de várias formas. Portanto, temos que estar cientes de que tipo de opções políticas estamos realmente a seguir e o que estamos a tentar fazer com essas intervenções na educação de adultos.”

Webinar FuturelabAE: What is change-oriented adult education?

“Cada vez que um educador de adultos começa a fazer alguma coisa com os adultos [...], ele tem uma espécie de objetivo político, opção política [...]. O que as pessoas fazem nunca é neutro.”

FuturelabAE webinar: “How can change-oriented adult education help face the challenges of democracy?”

Como afirmado acima, os educadores precisam estar abertos, cientes dos problemas e das questões que estão no centro do processo de mudança previsto. Eles precisam instilar e apoiar a curiosidade crítica e acompanhar os aprendentes/atores na procura colaborativa por soluções. No entanto, os educadores também têm que adicionar a sua própria experiência ao processo e orientar esse mesmo processo. Eles precisam ser diretivos e fazer uso da sua autoridade para promover processos de grupo e evitar conflitos desnecessários, permitindo opiniões divergentes e não procurar um consenso a todo o custo. Os educadores não devem ser autoritários nem adotar a postura do “laissez-faire”. Eles também devem ser transparentes e não tentar parecer neutros, pois nenhum processo educacional pode ser neutro.

Caixa de teoria 6: On Voice

O conceito de voz descreve as condições para falar em sociedade conforme proposto por Dell Hymes e Pierre Bourdieu (ver: Blommaert, 2015). Spivak e Hooks acrescentaram a este conceito a chamada escuta hegemônica, que significa que uma condição essencial para falar é ser ouvido(a).

Blommaert descreve isso no artigo mencionado acima, no caso de refugiados que não têm voz.

“Quando ousamos falar com uma voz libertadora, ameaçamos até mesmo aqueles que inicialmente alegam querer as nossas palavras. No ato de superar o nosso medo da fala, de sermos vistos como ameaçadores, no processo de aprender a falar como sujeitos, participamos da luta global para acabar com a dominação. Quando terminamos o nosso silêncio, quando falamos com uma voz liberta, as nossas palavras conectam-nos com qualquer pessoa, em qualquer lugar, que viva em silêncio. É importante que falemos. O que falamos é mais importante. É a nossa responsabilidade coletiva e individual distinguir entre o mero falar que é sobre autoengrandecimento, exploração do exótico “outro”, e aquele que é um gesto de resistência, uma afirmação de luta”.

(Bell Hooks: Talking Back. Thinking Feminist. Thinking Black 1989
South End Press)

Os educadores devem garantir que o processo de resolução de problemas seja um esforço conjunto e apoiar os aprendentes/atores numa situação que é na maioria dos casos ambivalente (ver o conceito de Ubuntu nepantla na caixa teórica 4).

Para ser mais concreto, queremos mostrar alguns dos métodos usados durante os seminários do projeto (ver caixa de informações 2), enfatizando, ao mesmo tempo, que o que caracteriza a educação de adultos orientada para a mudança nunca é uma questão de metodologia, mas de atitude e postura.

Caixa de informações 3: vozes de aprendentes/ atores

A “Digital Storytelling” (Narrativa digital) e o “Theatre with no home” (Teatro sem casa) são dois exemplos impressionantes de como as vozes se tornam audíveis e visíveis.

Digital Storytelling é uma atividade baseada em histórias que as pessoas desejam tornar visíveis e partilhar com os outros. Estas atividades podem ser produzidas em centros de educação de adultos, prisões, entidades psiquiátricas, etc. A narrativa digital foi apresentada no Webinar FuturelabAE: [“Change-oriented AE and digitalisation: practices, methods and tools.”](#)

No [“Theatre with no home”](#) (projeto eslovaco), Dviadlo bez domova reúne pessoas sem-abrigo e pessoas portadoras de deficiência para criar, representar e produzir peças teatrais. Ao fazer isso, eles destacam os seus talentos e as suas experiências sociais para o público. Para mais informações sobre este conceito pode ver a entrevista com Patrik Krebs: [Webinar FutureLabAE “Where change-oriented education could take place?”](#)

Qual é o tipo e o tamanho da mudança de que estamos a falar?

No nosso entendimento, a educação de adultos orientada para a mudança deve ter como objetivo melhorar a sociedade como um todo e não mudar simplesmente a condição de um indivíduo: isto é, não deve ter como objetivo ajudar uma pessoa a melhorar a sua posição na sociedade - mudar, assim, do lado dos discriminados e marginalizados para o lado dos “privilegiados”, como pretenderia um entendimento neoliberal. Já a mudança de atitudes, por exemplo a superação de posições racistas, é uma mudança que envolve o indivíduo no primeiro nível, mas também provoca uma mudança na sociedade. Mudança no contexto, por exemplo, fomentando a participação e dando às pessoas uma “voz” é, certamente, uma mudança que para nós também deve ser tida como objetivo.

A orientação para a mudança deve ter uma “agenda oculta” ou um objetivo transparente?

Se entendermos a educação de adultos orientada para a mudança como um motor para a mudança social em direção a mais justiça social, esta deve ser transparente e franca. Semelhante ao papel do educador, os programas que visam a mudança devem, *per se*, ser transparentes na sua atitude e no seu objetivo. Os programas orientados para a mudança - conforme definidos no projeto - são baseados na tomada de decisão colaborativa e no diálogo, portanto, não podem ser executados numa agenda oculta.

O ponto de partida de qualquer educação orientada para a mudança deve ser o desejo de

mudança por um grupo de aprendentes/atores. O planeamento do curso deve ser conduzido por esse desejo. Como disse Carlos Ribeiro num dos webinars do projeto, o princípio fundamental da organização do curso é o da co-construção do programa. Os aprendentes/atores precisam ser coautores do curso, pois é o seu próprio desenvolvimento que está no centro do programa.

Caixa de informações 4: Alfabetização mediática na Palestina

Media Literacy for Sustainable Society é um exemplo de uma abordagem transparente/uma agenda clara na educação de adultos. Este é um projeto transnacional com foco em alfabetização mediática e direitos humanos na Palestina que consideramos ser uma referência interessante. O projeto de alfabetização mediática fortalece o profissionalismo de jornalistas palestinos e outros trabalhadores dos meios de comunicação. Aumenta a compreensão das práticas dos meios de comunicação e as competências de alfabetização mediática.

O projeto está disponível em Inglês e Árabe.

Para mais informações: <https://mediaguide.fi/mediaguide/home/>

O projeto foi apresentado em [FuturelabAE webinar: “Media Literacy for more democratic societies.”](#)

Carlos Ribeiro continuou a referir que temos que entender a "ideia de aprendizagem como um processo muito aberto" e que "a formação é uma ferramenta e não uma meta", o que significa que a planificação do programa tem que garantir essa abertura e flexibilidade. Podemos acrescentar à afirmação de C. Ribeiro que a aprendizagem orientada para a mudança não é facilmente mensurável; o único indicador de sucesso é a mudança prevista ocorrer e o impacto dessa mudança para os indivíduos e grupos envolvidos. Poderíamos dar um passo adiante e afirmar que os educadores se tornam aprendentes neste caso, pois podem aprender com os aprendentes/atores que são especialistas nos seus próprios contextos e situações.

Estamos cientes de que isso constitui um grande desafio, tanto para as instituições quanto para os educadores, pois eles têm que se afastar da tradição do currículo, transferir o poder para os aprendentes/atores e limitar-se a serem suportes dos processos de aprendizagem, sem deixar de atuar com profissionalismo e transparência.

Que tipo de novas competências são necessárias para organizar cursos orientados para a mudança?

O papel dos educadores é central para a educação de adultos orientada para a mudança: os educadores são o eixo do processo. Não apenas funcionam como guias, mas também colocam os

seus conhecimentos ao serviço do processo de aprendizagem. Os educadores são aprendentes/atores ao mesmo tempo, como Bell Hooks coloca de forma sucinta:

“Essa estratégia pedagógica está enraizada no pressuposto de que todos nós trazemos para a sala de aula conhecimento experimental, que esse conhecimento pode, de facto, melhorar a nossa experiência de aprendizagem.

Se a experiência já é invocada em sala de aula como forma de conhecimento, esta coexiste numa forma não hierárquica com outras formas de saber; então, a possibilidade de que possa ser usada para silenciar diminui (Bell Hooks, *Teaching to transgress*, 1994. P.8)”.

Portanto, é preciso haver equilíbrio entre aprender e educar. Os papéis são invertidos em certos pontos: todos os atores no processo são especialistas, embora em diferentes aspetos do processo.

Isto, por sua vez, também requer formação especial para os educadores. Esta formação não é meramente baseada em competências, mas deve abordar o desenvolvimento de atitudes e posturas, e a habilidade de ser um guia especializado e que é transparente nos seus objetivos e programas. A supervisão regular e o apoio dos pares também parecem ser essenciais neste contexto.

Há alguma questão ética que deva ser resolvida?

Novamente, queremos referir-nos ao papel do educador como ator crítico, transparente e democraticamente orientado na educação. As questões éticas abordadas na pergunta são, portanto, inerentes ao processo do programa de educação de adultos.

**TOGETHER
FOR
CHANGE**

ONLINE COURSE

**MODULE 1: HOW CAN
CHANGE-ORIENTED ADULT EDUCATION
HELP FACE THE CHALLENGES OF
DEMOCRACY?**

FuturelabAE
change oriented adult education

O curso online -Together for Change- focou-se na democracia e nas práticas de educação de adultos orientadas para a mudança.

5. Promotores de educação de adultos e decisores políticos como facilitadores da educação orientada para a mudança

Às vezes, as instituições, independentemente do nível em que atuam, e especialmente aquelas que precisam de apoio financeiro, não são vistas como agentes de apoio à mudança, mas como obstáculos.

Patrik Krebs, coordenador do projeto “Theatre With No Home”- que dá aos moradores de rua e/ou com limitações físicas a oportunidade de se expressar e apresentar o seu mundo a um público – diz, numa entrevista, e relativamente à falta de financiamento nacional para seu projeto de mudança:

“Trabalhar com moradores de rua não é difícil. Realmente não. Muito difícil é trabalhar com instituições. Essa é a parte difícil. Os sem-abrigo ficam muito felizes porque podem trabalhar ou fazer algo. [...] essa é a parte saudável do nosso trabalho. Mas explicar às instituições - e principalmente às instituições nacionais -, muitas vezes, é até impossível [...] Nós estávamos basicamente a existir por causa de projetos internacionais.”

Webinar FuturelabAE: “Where change-oriented adult education could take place?”

Rubia Salgado, uma educadora na Áustria em Maiz/kollektiv, parafraseou Freire perguntando aos participantes do webinar do FutureLabAE: “Para quem estão a trabalhar? Estão a trabalhar para o Estado ou para as pessoas?” ([Webinar FuturelabAE: “Addressing and counteracting right-wing populism and racism”](#)).

Um passo para essa mudança são as declarações de missão formuladas pelas instituições. No consórcio do projeto, concordamos que as instituições devem ter o objetivo de promover (organizar) a educação de adultos orientada para a mudança nas suas declarações de missão. A maioria das instituições de educação de adultos já declara os seus compromissos com as sociedades democráticas, com a antidiscriminação e o antirracismo; a partir daí é apenas um pequeno passo (mas, ao mesmo tempo, é um salto gigante ao nível do compromisso com a mudança) para incluir os objetivos da educação de adultos orientada para a mudança nessas declarações.

A declaração de missão do VHS Viena:

Defendemos uma sociedade aberta e socialmente justa, deve haver oportunidades iguais para que todos possam desenvolver as suas potencialidades e participar ativamente na sociedade. Contribuímos, assim, para a qualidade de vida de todas as pessoas que vivem em Viena e para a sua coexistência pacífica e opomo-nos a todas as formas de discriminação e exclusão.

Entendemos a aprendizagem como um processo pessoal e também social. Neste sentido, contribuímos para a autodeterminação de nossos aprendentes. [...]

([Leitbild der Wiener Volkshochschulen](#), tradução Thomas Fritz)

Se a instituição pretende promover uma sociedade aberta e socialmente justa, também deve estar preparada para tomar medidas para atingir esse objetivo. Se a aprendizagem é definida como um processo pessoal, mas, ao mesmo tempo, social, e o seu objetivo é a autocapacitação, cujo caminho para a alcançar é descrito como colaboração igualitária, o próximo passo lógico seria afirmar: “Assinamos a autodeterminação das pessoas que vivem nesta cidade e apoiamos atividades - até mesmo as atividades realizadas extramuros - para alcançar isso.”

Caixa de informações 5: O lado negro da alfabetização

O lado negro da alfabetização foi tema de uma série de discussões e debates entre protagonistas da alfabetização crítica, organizada pelo Centro Federal de educação de adultos na Áustria. Algumas das questões debatidas incluíam o uso de terminologia (não) discriminatória, modelos alternativos de educação para a alfabetização e uma crítica aos desenvolvimentos neoliberais convencionais na educação para a alfabetização.

[Repositório FuturelabAE – Boas práticas](#)

Parece necessário um compromisso claro para alcançar atividades de divulgação e uma estreita cooperação com as comunidades. Na conferência final do FutureLabAE, Fergal Finnegan convocou um movimento de volta às raízes da educação de adultos fortemente vinculado aos movimentos sociais e à educação dos trabalhadores. A aprendizagem não é um serviço prestado por uma instituição, mas um processo ativo realizado por grupos de aprendentes / atores com o apoio dessas instituições ou iniciativas. Um papel vital que as instituições devem desempenhar é o de apoiar os educadores para que saibam que a educação orientada para a mudança é desejada e pretendida pela instituição. E, como já foi dito, isso pode e deve ser refletido nas declarações de missão.

Outro aspeto - ainda mais importante - é oferecer espaços para reflexão crítica sobre o trabalho educacional orientado para a mudança. Isso pode ser alcançado através da organização de workshops nos quais os educadores podem - em conjunto e com orientação - refletir sobre o seu trabalho, os seus desafios e acontecimentos positivos nos processos de ensino/aprendizagem. Também é crucial promover formação na educação orientada para a mudança, que, pontualmente, pode ser encontrada em cursos académicos ou seminários.

Numa perspetiva mais geral, podemos perguntar-nos neste ponto se as instituições financiadas pelo Estado podem realizar educação orientada para a mudança, já que o Estado pode não financiar desenvolvimentos/pensamentos críticos que ponham em risco a ordem social, tal como é por ele concebida.

Um exemplo disso pode ser visto pela curta série de reuniões de membros da alfabetização crítica na Áustria, que foi organizada pelo instituto oficial de educação de adultos (Dark Side of Literacy, caixa de informações 5) e encerrada após três eventos.

Caixa de informações 6: Educação / educação da comunidade nas e para as comunidades

No contexto da educação de adultos, Carlos Ribeiro refere-se à responsabilidade dos educadores como cidadãos. Novos lugares (terceiros lugares) teriam que ser apropriados para esse fim. Para a educação comunitária é recomendado o chamado “terceiro lugar” (nem a esfera privada nem o local de trabalho), no e com o meio social.

“Precisamos pensar na nossa participação não só na educação, não só na formação, mas no nível local, no desenvolvimento local, no desenvolvimento comunitário”, diz Carlos Ribeiro.

Webinar FuturelabAE:

“Where change-oriented adult education could take place?”

Vemos a realização dessa abordagem no trabalho do Longford Women’s Link, que apoia as mulheres na construção de mais capacidades de ação para si mesmas, para as suas famílias e para a sua vizinhança.

Webinar FuturelabAE com Tara Farrell:

“Experience with change-oriented adult education, lesson learned”

Que tipo de organizações podem oferecer educação de adultos orientada para a mudança?

Como apontado anteriormente, pensamos que, como os aprendentes/atores são coautores dos eventos, são também eles que decidem o ritmo dos encontros. Quando pensamos em educação de adultos orientada para a mudança, não pensamos em termos de cursos e aprendentes que se inscrevem neles, mas em grupos que tomam a iniciativa e decidem o local, o horário e a frequência das reuniões.

A educação de adultos orientada para a mudança não é um conjunto de metodologias, mas tem por base um conjunto de princípios, ou seja, diálogo, coautoria e empoderamento. Essa abordagem da educação de adultos acarreta uma ligeira mudança de paradigma no nosso pensamento sobre educação. Não são os educadores, mas os aprendentes/atores que decidem; neste sentido, o papel dos educadores é “reduzido” ao acompanhamento dos aprendentes/atores e, de uma forma cada vez mais significativa, tendem a assumir o papel de guias críticos num processo imprevisível de mudança, para manter o objetivo comumente decidido. As instituições de educação de adultos podem apoiar processos de mudança entrando em diálogo com grupos de aprendentes, alcançando-os e fornecendo espaços e infraestrutura para os aprendentes.

Caixa de informações 7: documentos de política “adaptáveis”

Os documentos de política não têm isenções escritas usando expressões adaptativas, por exemplo:

“Um fardo maior é imposto aos indivíduos para adaptarem as suas competências, a fim de se manterem preparados para mudanças futuras” (Conselho da União Europeia, 2008 - Resolução do Conselho sobre uma melhor integração da orientação ao longo da vida nas estratégias de aprendizagem ao longo da vida).

“O acesso a informações e conhecimentos atualizados [...] estão a tornar-se a chave para fortalecer a competitividade da Europa e melhorar a empregabilidade e adaptabilidade da força de trabalho” (Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida, Comissão das Comunidades Europeias, 2000)

Num dos webinars FutureLabAE, Jyri Manninen pergunta:

“Por que não podemos escrever esses documentos políticos e mudar as nossas práticas para que a educação de adultos não apenas ajude as pessoas a enfrentar a vida, mas também as ajude a mudar as suas vidas e desenvolver a sociedade?”

[Webinar FuturelabAE: “What is change-oriented adult education?”](#)

Em termos de parâmetros organizacionais, pensamos que a escolha dos locais de aprendizagem é importante. Esses locais podem ser centros comunitários, bibliotecas, parques ou qualquer outro lugar onde os aprendentes/atores se sintam seguros e livres (ver caixa de informações 6).

Que “novo pensamento” precisam de ter as organizações e os educadores para promover a educação para a mudança?

A resposta mais simples para essa pergunta seria: precisam de permitir que os aprendentes/atores ajam para alcançar as mudanças que procuram. Mais concretamente, sugeriríamos que devem refletir sobre os seus próprios papéis no processo educacional, sobre os seus papéis e posições na relação de poder entre aqueles que “aprendem” e aqueles que promovem a aprendizagem, o que significa que eles têm que desaprender as suas próprias tradições e deixar que os aprendentes/atores sejam livres para serem coautores da aprendizagem.

O que devem os decisores políticos fazer para promover a educação de adultos orientada para a mudança?

Os decisores políticos estão principalmente preocupados com as tarefas “oficiais” da educação, que é promover as qualificações e certificar o processo de aprendizagem. A principal prioridade na agenda dos Estados-Membros da UE (e a própria União Europeia) parece ser apenas a melhoria do estado geral das qualificações da população. Muitas vezes, isso baseia-se em parâmetros económicos. Um parâmetro frequentemente citado é o crescimento do PIB na relação com o aumento das qualificações (EDU NAEC Paper Series nº1).

Os documentos políticos afirmam que a chamada sociedade do conhecimento necessita de pessoas mais qualificadas sem questionar criticamente o conceito de sociedade do conhecimento e suas implicações sociais. Nos anos 60, um grupo de teóricos - incluindo Paulo Freire e Ivan Illich - formularam que mais educação não produz mais empregos (ver Manifesto de Cuernavaca: 1974). A educação cívica e a educação para a democracia não procuram fornecer qualificações mensuráveis e certificáveis, mas melhorar a vida de grupos de pessoas, muitas vezes, marginalizados.

As recomendações de política elaboradas pelo consórcio do projeto FutureLabAE procuram apresentar sugestões concretas sobre como a educação de adultos orientada para a mudança pode ser apoiada pelas autoridades europeias, nacionais e regionais/locais.



**TOGETHER
FOR
CHANGE**

ONLINE COURSE

**MODULE 3:
MEDIA LITERACY FOR
MORE DEMOCRATIC
SOCIETIES**

FuturelabAE
change oriented adult education

Photo: Karoliina Knuuti

No curso online “Together for change”- ouvimos exemplos de como a educação de adultos orientada para a mudança pode promover a democracia.

6. Como podemos promover a educação para a democracia?

Olhando para o que escrevemos sobre o papel e a responsabilidade dos educadores, vemos que, antes de mais, estes são parceiros no diálogo, assumem os problemas dos aprendentes/ atores e orientam o processo de procura de soluções. Eles precisam de ser transparentes nas suas próprias convicções e agendas políticas. O processo educacional é de colaboração em termos de igualdade com o educador na partilha de conhecimento.

Partindo desta análise, é também assim que a democracia pode funcionar: um debate sobre questões urgentes entre parceiros iguais, sem agendas ocultas e sem manipulação. Não há lugar para a discriminação no processo de educação de adultos orientado para a mudança e não há lugar para o racismo, sexismo, preconceito ligado à língua ou idade. A educação de adultos orientada para a mudança oferece um espaço seguro para experimentar processos democráticos e de codeterminação. Mais três citações de Manninen podem servir para sublinhar esta ideia: “o diálogo é o coração da democracia” e, com este, colaboração e respeito pelos outros. Nestes espaços seguros os aprendentes/ atores podem desenvolver a sua voz, “falar essa voz e fazer a diferença”. Nestes contextos, os aprendentes/ atores serão ouvidos e escutarão. Como definimos a aprendizagem como um processo aberto, sem resultado (pois mesmo que as mudanças previstas tenham sido alcançadas, novos desafios podem surgir), o processo de aprendizagem, tal como a democracia, “nunca está concluído” e precisa de ser empurrado para frente uma e outra vez.

Caixa de informações 8: Preparando as mulheres para a ação política

SHE (ELA) é uma iniciativa rural feminista, liderada pela comunidade, que oferece caminhos para as mulheres na vida política na Irlanda. A representação local e nacional e a defesa de e para as mulheres é o objetivo do projeto. Uma série de programas e seminários para explorar e aprender sobre política são oferecidos para desenvolver a capacidade das mulheres em participar da vida pública.

<https://www.seeherelected.ie/>

A educação para a democracia também precisa de olhar para o que as pessoas já sabem fazer – as suas competências. Consideramos as competências difundidas pela União Europeia úteis, mas ligeiramente limitantes neste contexto. Estas precisam, pelo menos, ser complementadas com competências para a educação de adultos orientada para a mudança [ou, como no original formulado por Negt (ver: Zeuner, 2013), educação para a sociedade].

Se seguirmos a exigência de Manninen de que “a educação de adultos deve ser direcionada para preparar os adultos para mudar o mundo”, isso também implica uma autorreflexão crítica. Isso significa olhar mais de perto para a situação na qual os aprendentes/atores se encontram e qual o desejo de mudar, ou, como dizem MacLaren e Farahmandpur, descobrir “De que forma a sociedade me produziu e que agora desejo rejeitar?” (2005: 113). Podemos acrescentar a isso também a necessidade de olhar para a forma como a sociedade produziu “o meu” meio ambiente que “desejo rejeitar”.

Num nível mais prático, podemos dizer que métodos como o Time Out e o Fishbowl (ver caixa de informações 2) são ferramentas que podem ser usadas para tentar uma forma de debate que envolva os atores em pé de igualdade.

Caixa teórica 7: Competências para a educação de adultos orientada para a mudança

Gostaríamos de introduzir um conceito alternativo, ou melhor, adicional às oito áreas de competências formuladas pela União Europeia que se enunciam como:

- Alfabetização
- Multilinguismo
- Habilidades numéricas, científicas e de engenharia
- Competências tecnológicas e digitais básicas
- Competências interpessoais e capacidade de adquirir novas competências
- Cidadania ativa
- Empreendedorismo
- Consciência e expressão cultural

Recomendação: Competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida

Estas competências alternativas foram formuladas pelo teórico alemão Oskar Negt e visam abranger principalmente as áreas da cidadania ativa.

Negt apelida-as como competências sociais:

- competência de identidade
- competência histórica
- consciência e competência em justiça social
- competência tecnológica
- competência ecológica
- competência económica

O objetivo de adquirir essas competências é “compreender as relações existentes no mundo contemporâneo e relacionar-se criticamente com a realidade existente, a fim de iniciar os processos de resignificação necessários” (Negt, 1993: 662 citado em: Zeuner 2013: 145). Negt refere, ainda, que as experiências como sujeito desempenham um papel decisivo no desdobramento de 'competências sociais' (Zeuner 2013: 146).

Referindo-se à declaração de Manninen (e a muitas das declarações de Freire), uma forma democrática de aprendizagem não é alcançada por meio da forma "tradicional" de ensino, ou seja, como transmissão de um "cânone predefinido de conhecimento [...]. Os aprendentes devem, em vez disso, desenvolver as suas competências, alcançar uma orientação mais forte, revelando as relações entre 'o interesse dos sujeitos da aprendizagem e o mundo objetivo' (Zeuner 2013: 147).



Um dos módulos do curso online - Design for Change - explorou a forma como os jogos digitais podem ser usados na educação para a mudança.

7. Como podemos promover uma perspetiva crítica sobre a digitalização?

Antes de começarmos a falar sobre digitalização no contexto da democracia, fake-news (notícias falsas) e a dependência de ferramentas de um governo eletrónico, gostaríamos de mencionar algumas ideias muito básicas e gerais que se tornaram vitais durante a pandemia - COVID-19. Órgãos governamentais e instituições de ensino continuam a enfatizar a importância da digitalização da aprendizagem e da interação social esquecendo, ou melhor, excluindo um certo número de pessoas cujo acesso às tecnologias de informação é limitado. Sabemos de várias fontes (por exemplo, pesquisa num projeto financiado pela UE “WeStart” e a experiência do último ano numa instituição de educação de adultos) que o acesso e as competências para trabalhar com equipamentos digitais são bastante limitados, especialmente para os chamados grupos marginalizados, ou seja, mulheres, famílias e pessoas com baixos rendimentos, idosos e refugiados. Esses grupos podem possuir e usar smartphones, mas apenas para fins limitados. Muitas vezes, eles dependem de terceiros para muitas tarefas, como para instalar aplicações e usar o telemóvel nas suas diferentes funcionalidades: fotografias ou vídeo, ou redes sociais. A maioria desses grupos não possui tablets ou computadores. Isso tem um forte impacto na aprendizagem digital e no uso de ferramentas de acesso a serviços governamentais.

Aqueles que possuem as ferramentas eletrónicas são, às vezes, vítimas de desinformação ou “fake news”, assim também chamadas. A vasta quantidade de informações digitais exige análise crítica e pesquisa, algo com que nem todos os aprendentes / atores estão familiarizados - ou para as quais não possuem competências. Isso significa que a alfabetização crítica dos Media é necessária e a educação de adultos orientada para a mudança deve providenciar aos aprendentes/ atores essas

ferramentas e os meios de questionamento crítico do conhecimento. Na caixa de informação 2 e 3, apresentamos dois exemplos dessas ferramentas. Essas também são duas formas de neutralizar as “notícias falsas” de maneira produtiva.

Pensamos que ficou claro a partir dos exemplos acima mencionados que a digitalização e a educação para a democracia estão fortemente interligadas.

Caixa de informações 9: Gamificação

Como os *serious games* (“jogo sério”) (online e offline) muitas vezes tentam resolver um problema da vida real ou tentam lidar com um problema, esta é uma abordagem possível para as questões relacionadas com a democracia e a digitalização. Assim, um amplo espectro pode ser abordado, desde uma abordagem crítica às teorias da conspiração até à conscientização de grupos marginalizados na sociedade.

[Webinar FuturelabAE: “Use of digital games in change-oriented adult education”](#)

Referências e leituras adicionais

Bishop, E. (2014). "Critical Literacy. Bringing Theory to Praxis." *Journal of Curriculum Theorizing* 30(1): 51 - 63.

Blommaert, J. (2015). "Pierre Bourdieu: Perspectives on Language and Society". Research Gate.

Chambers, D. W. (2019). Is Freire Incoherent? Reconciling Directiveness and Dialogue in Freirean Pedagogy In: *Journal of Philosophy of Education* 21- 47

Hooks, Bell (1989): *Talking Back. Thinking Feminist. Thinking Black.* South End Press

Hooks, Bell (1994): *Teaching to Transgress: education as the practice of freedom.* London and New York, Routledge

Hooks, Bell (2010) *Teaching critical thinking. Practical Wisdom.* London and New York, Routledge

Kirchgaesser, A. (2019). *Renewal from the margins – change-oriented adult education in doityourself learning spaces.* Belgrade, Paper presented in ESREA Triennial conference, September 19-22.

Manninen, J., Jetsu A. and I. Sgier (2019). *Change-oriented Adult Education in the Fields of Democracy and Digitalization, FutureLabAE project Intellectual output =1.* Brussels: EAEA. <https://eaea.org/project/future-lab/?pid=11872>

Mclaren, P. and R. Farahmandpur (2005). *Teaching against Global Capitalism and the New Imperialism.* Lanham, Boulder, New York. Toronto, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers.

Pennycook, A. and S. Makoni (2020). *Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South.* London and New York, Routledge.

Picon, C. (1991). *Adult education and popular education in the context of state and NGOs.* *Covergence* 24 (1/2)

Spivak, G.C.(1988). *Can the Subaltern Speak?* In: Cary Nelson & Lawrence Grossberg (Hgg.). *Marxism and the Interpretation of Culture,* University of Illinois Press, Chicago 1988

Spivak, G. C. (2015 [1993]). *Outside in the teaching machine.* Routledge classics. New York, London: Routledge Classics.

Zeuner, C. (2013). "From workers education to societal competencies: Approaches to a critical, emancipatory education for democracy." *European Journal for Research on the Education and Learning of Adults* 4(2): 139-152.

Apêndice 1: O projeto FutureLabAE

O projeto FutureLabAE providencia ao staff das organizações e aos formadores de aprendizagem e educação de adultos (ALE) o conhecimento, a experiência e as ferramentas para se tornarem mais orientados para a mudança nas suas práticas e nos seus conhecimentos de aprendizagem de adultos.

O projeto aborda, em particular, dois desafios principais que a Europa enfrenta atualmente, onde a educação de adultos pode desempenhar um papel crucial: a democracia, uma vez que há um número crescente de cidadãos que estão descontentes com a política e começam a inclinar-se para partidos xenófobos e populistas ou optam por não exercer o seu direito e dever de voto; e a digitalização, uma vez que existe um elevado número de pessoas na Europa que precisam de apoio em competências básicas, especialmente competências digitais, não podendo usufruir dessa mesma digitalização de forma plena.

Nos últimos três anos, o projeto desenvolveu os seguintes resultados:

- Uma coleção e análise de práticas orientadas para a mudança nos domínios da digitalização e da democracia. O resultado é uma fonte de inspiração não apenas para organizações, staff e formadores de Aprendizagem e Educação de Adultos, mas também para decisores políticos em diferentes níveis;
- Dois cursos online sobre educação de adultos orientada para a mudança e digitalização /democracia dirigido a organizações, staff e formadores de Aprendizagem e Educação de Adultos;
- Dois workshops com metodologias práticas orientadas para a mudança sobre digitalização e democracia;
- Diretrizes para organizações e equipas de Aprendizagem e Educação de Adultos com tópicos para trabalhar de forma mais pró-ativa e eficaz, para alcançar e apoiar com sucesso pessoas com baixas competências digitais e cívicas;
- Recomendações para decisores políticos sobre as políticas necessárias para melhor implementar disposições orientadas para a mudança tanto para a digitalização quanto para a democracia.

FutureLabAE é financiado com o apoio do programa Erasmus + e reúne os seguintes parceiros:

- Institut National de Formation et de Recherche sur l'Education Permanente (INFREP) – France
- European Association for the Education of Adults (EAEA) – Belgium
- National Adult Learning Organisation (AONTAS) – Ireland
- Asociacia institucii vzdelavania dospelych v Slovenskej republike (AIVD) – Slovakia
- Kvs Foundation (Kansanvalistusseura sr.) – Finland
- University of Eastern Finland (UEF) – Finland
- Amar Terra Verde, LDA. (EPATV) – Portugal
- Die Wiener Volkshochschulen GMBH (VHS) – Austria
- Swiss Federation for Adult Learning (SVEB) – Switzerland

Apêndice 2: lista de caixas teóricas

- 1: Definição de educação de adultos orientada para a mudança
- 2: Citações sobre educação de adultos voltada para a mudança
- 3: Citações de Paulo Freire sobre a não neutralidade da educação
- 4: A ideia do Ubuntu nepantla
- 5: Crítico [pedagogia]
- 6: Na voz
- 7: Competências para a educação de adultos orientada para a mudança

Apêndice 3: lista de caixas de informação

- 1: Zrejme
- 2: Alguns métodos orientados para a mudança
- 3: vozes de alunos / atores
- 4: Alfabetização mediática
- na Palestina 5: O lado negro da alfabetização
- 6: Educação / educação da comunidade nas e para as comunidades
- 7: Documentos de políticas adaptativas
- 8: Preparar as mulheres para a ação política
- 9: Gamificação



Formation et Ingénierie des compétences



EUROPEAN ASSOCIATION FOR
THE EDUCATION OF ADULTS



ASOCIÁCIA INŠTITÚCIÍ
VZDELÁVANIA DOSPELÝCH



The Voice of
Adult Learning



Escola Profissional **AMAR TERRA VERDE**



Kvs
Säätiö • Foundation



UNIVERSITY OF
EASTERN FINLAND



VHS
DIE WIENER VOLKSHOCHSCHULEN

S V E B ■

F S E A ■